



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES – OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

ALVARO ANTONIO OLIVEIRA DA ROCHA

**CONTROLE DISTÓPICO E PADRONIZAÇÃO SOCIAL: UMA LEITURA DE
ADMIRÁVEL MUNDO NOVO A PARTIR DO CONCEITO DE
DESOBEDIÊNCIA CIVIL**

**GUARABIRA
2020**

ALVARO ANTONIO OLIVEIRA DA ROCHA

**CONTROLE DISTÓPICO E PADRONIZAÇÃO SOCIAL: UMA LEITURA DE
ADMIRÁVEL MUNDO NOVO A PARTIR DO CONCEITO DE
DESOBEDIÊNCIA CIVIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduando em Licenciatura Plena em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. José Vilian Mangueira.

**GUARABIRA
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R672c Rocha, Alvaro Antônio Oliveira da.
Controle distópico e padronização social [manuscrito] :
uma leitura de Admirável Mundo Novo a partir do conceito de
desobediência civil / Alvaro Antonio Oliveira da Rocha. - 2020.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2020.
"Orientação : Prof. Dr. José Vilian Manguieira ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Distopia. 2. Desobediência Civil. 3. Governo. I. Título
21. ed. CDD 823

ALVARO ANTONIO OLIVEIRA DA ROCHA

**CONTROLE DISTÓPICO E PADRONIZAÇÃO SOCIAL: UMA LEITURA DE
ADMIRÁVEL MUNDO NOVO A PARTIR DO CONCEITO DE DESOBEDIÊNCIA
CIVIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do Curso
de Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de graduando em Licenciatura
Plena em Letras Inglês.

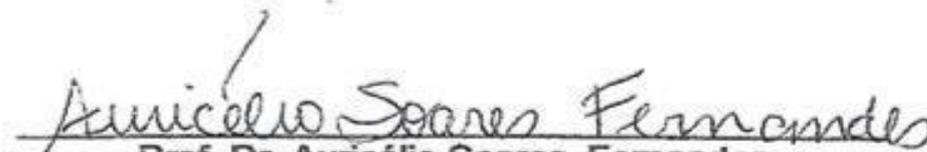
Área de concentração: Literatura Inglesa.

Aprovada em: 07/12/2020.

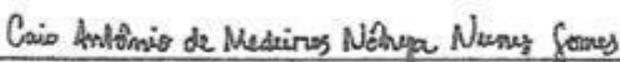
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Viliam Manguiera (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

RESUMO

O presente trabalho aborda como as personagens do romance distópico *Admirável Mundo Novo*, mesmo estando devidamente integradas a todos os ritos sociais característicos da comunidade retratada na narrativa, e sofrendo constante inspeção de agências governamentais, desenvolvem “antipatia” aos métodos socialmente empregados pelo governo na hipotética sociedade futurista do sétimo século depois de Ford, criador do método industrial de produção. No romance, aliado aos preceitos estabelecidos pelo filósofo norte-americano Henry David Thoreau, o de Desobediência Civil – proposto em seu ensaio filosófico homônimo, escrito durante seu cárcere, por recusar-se a pagar impostos – examinaremos que meios provocaram a “ruptura” entre os protagonistas da narrativa (a saber, nominalmente: Bernard, Watson e John) e o governo estabelecido, que tenciona manter o *status quo* social, de modo indefinido. Os principais proponentes que alicerçam a base teórica, que corroboram com objetivos do presente trabalho, são Keisman (2016), Silva (2017) e Thoreau (2014). Preliminarmente, a análise do romance indica que a construção identitária de alguns dos protagonistas da obra ora analisada, dispõem de peculiaridades inerentes as ideias apregoadas pelo filósofo transcendentalista norte-americano Henry David Thoreau.

Palavras-Chave: Distopia. Desobediência Civil. Governo.

ABSTRACT

The present study deals with how the characters of the dystopian novel *Brave New World*, even being fully integrated with all social rites characteristics of the community portrayed in the narrative, and undergoing constant inspection from government agencies, they are able to develop “antipathy” towards methods socially employed by the government in the hypothetical futuristic society in the seventh century a. F. (after Ford), developer of industrial production method. In the novel, allied to the precepts defended by the American philosopher Henry David Thoreau, the concept of Civil Disobedience, proposed in his homonymous book, written during his imprisonment, for refusing to pay taxes to the government, we will examine which means caused the rupture between the protagonists of the narrative, named Bernard, Watson and John, and the established government, which aim to keep indefinitely the current social *status quo*. The main proponents that support the theoretical basis, which corroborate with the objectives of the present work, are Keisman (2016), Silva (2017) and Thoreau (2014). Preliminarily, the analysis of the novel indicates that the identity construction of some of the protagonists of the work now analyzed, has peculiarities inherent to the ideas propagated by the American transcendentalist philosopher Henry David Thoreau.

Keywords: Dystopia. Civil Desobedience. Government.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OS “QUIMÉRICOS” MUNDOS DE HUXLEY	9
3	DA IDEALIZAÇÃO UTÓPICA A RÍSPIDA VIVÊNCIA DISTÓPICA	15
4	ABNEGAÇÃO DA AUTORIDADE CIVIL: OS PERCALÇOS DA DESOBEDIÊNCIA CIVIL EM <i>ADMIRÁVEL MUNDO NOVO</i>	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Em um mundo despótico, com manifesta ausência de liberdades individuais, regido por intermédio de ativos químico-psíquicos, há somente uma função a se cumprir: esmerar-se incansavelmente em prol da comunidade. Dois bilhões de seres humanos são categorizados e divididos em casta, as quais determinam a serventia dos indivíduos na sociedade futurista do ano 632 d. F. (Depois de Ford). Em laboratórios especializados se definem o destino de todos que irão compor o meio social: pouquíssimos dotados e milhares de operários têm seus desígnios irremediavelmente traçados, antes mesmo de suas concepções mecanizadas, atreladas ao modelo industrial fordista - tendo em vista a abolição da gestação vivípara. Condiçãoados através de técnicas científicas acuradas, todos os habitantes desse mundo fictício são adestrados a agirem como supõe a sua casta, sendo impelidos a hábitos que inevitavelmente estarão agregados aos seus traços individuais de modo permanente.

Incapazes de se submeterem ao que transcorre, em virtude dos acontecimentos perpetrados no enredo da narrativa, um grupo de pessoas, algumas das personagens centrais da narrativa, recusa-se a participar de determinados ritos sociais característicos daquela comunidade. Posteriormente, já são incapazes de demonstrarem quaisquer sentimentos de afeição ao regime que governa a localidade, uma das dez regiões administrativas do globo, negando-lhe sua obediência em questões cívicas, encarnando assim um dos mais célebres conceitos defendidos pelo filósofo transcendentalista norte-americano Henry David Thoreau: o de desobediência civil. De acordo com John Raws (2000), tal ato representa um posicionamento, individual ou coletivo, caracterizado por uma forma não violenta de protesto, estando o grupo que o efetua ciente de que se trata de um ato político, que busca provocar a readequação de determinada prática de governo.

Na narrativa que é retratada no enredo de Admirável Mundo Novo, agentes produtores de instabilidades sociais devem ser erradicados, já que se tornaram um empecilho intransponível para a manutenção de um corpo social estabilizado, atrelado ao *status quo* distópico do século VII d. F. Conceitos tangentes que são caros às sociedades contemporâneas, tais como religião e família, já são ininteligíveis aos habitantes dessa sociedade antiutópica. Valores antes arraigados em tradições e aspectos culturais, agora são tratados como meras frivolidades, simples anedotas vulgares. A estabilidade social deve prevalecer em detrimento das liberdades individuais primárias. Não há possibilidade de ascensão ou declínio social, os componentes de castas inferiores ou superiores não podem galgar uma posição que

sobrepuja ou subutilize suas capacidades. Tais elementos retratados em *Admirável Mundo Novo*, escrito por Aldous Huxley, converteram a trama em um dos mais notórios expoentes de seu gênero (distópico), que, junto a obras posteriores, como *1984*, de George Orwell e *Fahrenheit 451*, escrito por Ray Bradbury, são tidos como algumas das principais obras distópicas de todo o século XX.

O presente trabalho aborda o conceito anteriormente exposto - de “desobediência civil” - na obra *Admirável Mundo Novo*, do escritor inglês Aldous Huxley, examinando como alguns dos protagonistas da obra distópica praticam tal conceito como forma de demonstrar sua discordância referente às ações efetuadas pela autarquia governamental da narrativa. Para tal, faz-se necessário o uso de fontes bibliográficas que corroborem com os objetivos do presente trabalho, sendo o mesmo pautado sob o enfoque qualitativo, subdividido e organizado em três capítulos principais: “Os ‘quiméricos’ mundos de Huxley”, tratando de abordar os temas e problemáticas intrínsecos à narrativa, bem como exteriorizar e examinar o desenvolver de acontecimentos pertinentes ao enredo da obra, bem como especificar ocorrências acerca da vida e obra do escritor inglês; “Da idealização utópica à ríspida vivência distópica”, discorrendo acerca do conceito cunhado por Thoreau, bem como a origem dos termos “utopia” e “distopia”, e, por fim, “Abnegação da autoridade civil: Os percalços da desobediência civil em *Admirável Mundo Novo*”, discorrendo acerca dos ensejos, observáveis no romance de Huxley, que corroboram com a teoria filosófica elaborada pelo filósofo transcendentalista norte-americano Henry David Thoreau, buscando traços idiossincráticos das personagens na análise da narrativa, através de suas ações ao longo dos acontecimentos retratados na obra.

2 OS “QUIMÉRICOS” MUNDOS DE HUXLEY

Aldous Leonard Huxley (1894-1963), membro de uma abastada família inglesa, com notáveis expoentes do conhecimento artístico e científico, que favoreceu o desenvolvimento e difusão das ciências e letras, sempre fora cercado pelas figuras da elite inglesa, dado o privilégio conquistado por sua família. Padecendo de uma enfermidade que quase ceifou por completo sua visão, ainda enquanto criança interrompeu os estudos secundários em busca de tratamento, retornando ao Balliol College em 1913, para obter a licenciatura em Literatura Inglesa.

Suas primeiras publicações remetem-se a coletâneas de pequenos poemas, dentre os quais, *The Burning Wheel* (1916) e *Jonah* (1917) conseguiram relativo êxito no mercado editorial. Posteriormente, se dedicou como crítico teatral, para o periódico *Westminster Gazette*, e atuou como jornalista esporádico para a revista inglesa *Athenaeum*. Suas publicações em prosa, que posteriormente o consagrariam como um dos grandes escritores ingleses do século XX ocorreram somente alguns anos mais tarde, com a publicação de *Limbo* (1920), e da novela *Crome Yellow* (1921), em que teceu severas críticas ao conturbado ambiente intelectual.

Iniciando sua trajetória de modo a extrair a essência dos mais diversos países que conheceu, Huxley faz diversas viagens ao redor do mundo, em busca de manter contato com os intelectuais europeus. Na França, seu primeiro de muitos destinos, visitou Paris e, em seguida, residiu em território italiano, em 1928, período no qual escreveu *Point Counter Point*, que como ponderado por Frazão (2017), em tal obra “mostra sua solidez intelectual e as técnicas modernas da arte da novela”.

Com o transcorrer dos anos, em 1932, publica a obra pela qual ficaria conhecido, *Admirável Mundo Novo*, na qual alia perspectivas de cunho pessimista com o caráter visionário do poderio tecnológico, transmutando-os em uma sociedade antiutópica que explora as incertezas de uma nação inteiramente designada em métodos industriais de produção, que extrapola limites dos princípios éticos e os rígidos códigos concernentes à moral, para simplesmente garantir a estabilidade social, condicionando os indivíduos lá concebidos ao bel prazer dos estadistas, em detrimento de todos os aspectos inerentemente humanos.

Publica, em 1936, *Eyeless in Giza*, de cunho autobiográfico. Fixando-se permanentemente em um país, Huxley decide domiciliar-se nos Estados Unidos, inicialmente na Califórnia, e em seguida, na suntuosa *Hollywood*, Califórnia, onde escrevia roteiros de cinema para as obras fílmicas hollywoodianas. Na década seguinte,

sua mística interior é explorada na fase “religiosa” de sua carreira literária, com especial ênfase as religiões orientais, tais quais as provenientes de território indiano (hinduísmo, budismo, entre outras pertencentes a minorias étnicas). Publica, ainda durante os confrontos bélicos provindos da segunda guerra mundial, duas obras de feitiço eclesiástico, *The art of seeing* (1942), seguido por *Time must have a stop* (1944), baseado em um texto de ensinamentos do budismo tibetano. Ainda na década de 1940, Huxley “encerra” seu ciclo místico com a coletânea de textos *A filosofia perene* (1946), tencionando entrever o âmago comum de profusas crenças religiosas, espelhadas ao redor do mundo.

Em sua ulterior fase literária Huxley concebeu obras que de sobremaneira alteraram o mercado não só literário como também cultural norte-americano, deixando um legado até hoje explorado. Consumindo e relatando sua experiência com substâncias alucinógenas, tais quais a mescalina (elemento psicoativo extraído de um cacto endêmico no México e no sudoeste dos Estados Unidos) e o LSD, um dos alucinógenos mais potentes já conhecidos, Huxley argumentou que tais narcóticos o possibilitavam discernir as divisas e distinguir novos horizontes, provenientes do âmago do pensamento intrinsecamente humano. Tal experiência culminou no livro *As portas da percepção* (1954), no qual ele pormenoriza suas sensações quando recorria às substâncias psicoativas. O título da obra é provindo de uma frase do poeta inglês William Blake: “Se as portas da percepção estiverem limpas, tudo poderia aparecer para o ser humano como é, infinito”¹. *As portas da percepção* ainda inspirou alguns jovens londrinos a nomearem sua banda, recém-criada na década de 1960, tido como um dos mais influentes grupos da história do rock e da indústria fonográfica, *The Doors*.

Sua trajetória literária lhe reservou ainda algumas obras, todas explorando sua fase “psicodélica” em maior ou menor grau. *A ilha* (1962), romance ambientado em uma ilha, chamada Pala, repleta de pessoas “virtuosas”, que carregam todos os atributos necessários para se viver plenamente, e *Literatura e Ciência* (1963), obra na qual ele aborda os aspectos humanísticos frente ao crescente progresso científico e tecnológico, foram suas últimas obras. Huxley foi diagnosticado com um câncer de laringe, no início da década de 1960. Fatigado pelo tratamento recebido em virtude de sua enfermidade, após três anos de ininterrupta contenda contra o câncer, planeja embarcar em uma última experiência com elementos psicoativos, pedindo a sua cômputo, Laura Archera, que injetasse diversas doses de LSD em suas veias. Aldous Huxley, um dos mais

¹ Excerto original: If the doors of perception were cleansed everything would appear to man as it is, infinite. (William Blake).

proeminentes e prolíficos escritores ingleses do século XX, falece em Los Angeles, em 22 de novembro de 1963.

O século XX, instintivamente caracterizado por seus contemporâneos como uma era de revoluções e realizações, carregou sob sua tutela a expectativa também depositada em séculos predecessores, sendo idealizado como uma época de progresso constante e ininterrupto. Notáveis avanços científicos e tecnológicos impulsionaram a certeza de que empreendimentos que pudessem elevar o bem-estar coletivo poderiam ser realizados, guiando as sociedades mundiais a um hipotético futuro, pacificamente ponderado e disposto como “um mundo melhor”.

No entanto, tais perspectivas foram integralmente despedaçadas ainda nas primeiras décadas do século XX, atormentado por dois conflitos bélicos de nível global, de escalas nunca antes presenciadas. Além de uma pandemia respiratória que pode ter infectado um quarto da humanidade, ceifando a vida de milhões de sujeitos, nos anos finais da década de 1910. Além do mais, o mundo ainda presenciaria um conflito ideológico entre antigos aliados durante a 2ª Guerra Mundial, que abraçaram teorias econômicas antagônicas – sendo tal embate caracterizado com a troca de palavras hostis, com temores de um confronto bélico direto, entre as superpotências mundiais.

O caos e a barbárie social culminaram, apesar dos imponentes avanços sociais e tecnológicos então alcançados, conforme salientado por Silva (2011), em

um desenvolvimento técnico e científico que perdeu de vista a dimensão ética e humanista que engajou vários de seus apologistas iniciais. As experiências da Guerra, dos facismos, da ‘natureza realmente radical do Mal’, como chamou Arendt (1989, p. 13), o holocausto, puseram a ‘estrutura essencial da civilização em ponto de ruptura’, e em xeque a própria existência da humanidade que se vê, então, na possibilidade real, em alguns momentos iminente, de sua destruição total. (SILVA, 2011, p. 91-92).

De tal perspectiva, presenciando os contrastes de tal século, Aldous Huxley conjecturou uma sociedade, em *Admirável Mundo Novo*, alicerçada sob as normas sociais ditadas exclusivamente pelo governo, que instigava as condutas individual e coletiva do modo como lhe aprouvesse, visando sempre impor as normas sociais a serem seguidas. O caráter imaginativo da obra de Huxley extraiu sua essência – se não absolutamente, em grande parte - estando em consonância com os acontecimentos do período correspondente aos eventos pré-guerra, com a ascensão de forças nacionalistas antidemocráticas, que constantemente ameaçavam se impuser perante as demais

vertentes políticas que ativamente se manifestavam na esfera político-social de seus respectivos países. De tal modo, grande parte dos movimentos artísticos retratara que

a arte de vanguarda no século XX, na era dos ‘cataclismos’, que experimentou seu auge antes da supremacia de Hitler e Stalin, como observava Hobsbawn (1995, p. 188), ‘raramente expressou esperança, embora seus membros politicamente revolucionários estivessem comprometidos com uma visão positiva do futuro, por convicções ideológicas.’ (SILVA, 2011, p. 93).

As críticas às práticas sociais estão intrínsecas nas entrelinhas da narrativa, realçando conceitos distintos estranhamente contemporâneos a nossa sociedade. Em *Admirável Mundo Novo*, uma sociedade erigida sob a tutela de uma repressão frenética, por parte dos entes governamentais aos seus “dissidentes”, assemelha-se incondicionalmente ao conceito estabelecido pelo filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), um dos inúmeros contratualistas do século XVII. Hobbes, em sua obra magna, *O Leviatã*², teceu a conjectura de um estado centralizador, soberano, no qual os homens, egoístas em seu próprio cerne e por natureza, por terem receio de conflitos que possam assolar seu bem mais precioso – a vida -, de bom grado renunciam a sua liberdade, associando-se a um ente que congregue outros indivíduos com interesses similares. Assim, preservando o bem comum, o estado assume as rédeas que guiam todos os demais aspectos concernentes à vida social, reprimindo posições em contrário, já que tão somente “a única forma deste contrato dar certo, ou seja, que os homens respeitem o que prometeram uns aos outros e que preservem a sua vida, é se houver um poder absoluto que os obrigue a respeitarem o contrato.” (GARCIA, 2015).

O estado ficcional, presente em *Admirável Mundo Novo*, valendo-se do conceito de Estado Leviatã, forjou uma sociedade paulatinamente guiada para a satisfação de interesses imediatistas, superficiais e supérfluos, como no consumo desenfreado de itens frívolos, encontrando eco em características marcantes e habitualmente associadas a distintas sociedades modernas, não sendo tão somente uma crítica dirigida a sociedades exclusivamente capitalistas ou comunistas, mas sim a ambas. Já que, conforme disposto por Nascimento (2005):

No *Admirável Mundo Novo* de Huxley encontram-se elementos centrais que caracterizam três sociedades distintas e antagônicas: a norte-americana, a soviética e a nazista (diferentemente do que ocorre em 1984, que irá explorar unicamente as características do comunismo soviético). Todas elas fundem-se numa nova civilização erigida sob o signo de um novo sistema e uma nova religião, como também de um

²Obra do pensador inglês Thomas Hobbes, em referência ao mítico monstro marinho retratado em alguns livros do antigo testamento bíblico. Na obra, Hobbes defende a atuação de um governo central forte, sendo um dos mais antigos e influentes manifestos contratualistas já escrito.

novo deus: onde há a substituição feita por Huxley a Lord (que significa Senhor, em inglês) por Ford, no lugar do símbolo sacro que seria a cruz, entra o símbolo T, que representa a produção de objetos em série. (NASCIMENTO, 2005, p. 9).

Huxley tinha na arte a essência do individualismo uma resposta a constante mecanização dos sujeitos, frente aos avanços tecnológicos então perpetrados pelo alvorecer do capitalismo, no início do século XX. A arte entrava em declínio, com o apelo provocado pelas produções destinadas a grandes massas. Novas tecnologias, como o cinema, que foram implantadas com foco no entretenimento, contaram com um pequeno revés sob a óptica de Huxley, já que se destinavam, preponderantemente, a captar o maior número possível de sujeitos com o mínimo de recursos estéticos praticáveis. A tal concepção, Huxley ponderou, anos antes de se debruçar sobre *Admirável Mundo Novo*, que

O quão mais elevado for o grau de padronização na literatura e arte popular, maior será o lucro para o produtor. A política econômica dos produtores de massa de bens é assegurar o maior número de compradores, para um número ínfimo de possíveis produtos. Entretanto, suas tendências consistem em disseminar ideias e arte de baixa qualidade. (HUXLEY, 1927, p. 190, tradução nossa).³

Guardião gregário da arte, Huxley refletiu suas preocupações, em muitas de suas obras, acerca do futuro que estava se desenvolvendo quanto à literatura. Muitas de suas críticas, ericadas e satíricas, estão presentes na obra ora analisada, realçando a tenebrosa percepção de muitos dos habitantes da Europa Ocidental, retratada na narrativa, quanto à literatura e demais meios de expressão. Na sociedade fictícia instaurada em *Admirável Mundo Novo*, em uma representação metaficcional⁴, tais expressões de cunho individual são estritamente inconvenientes. Uma vez que tal mundo é simplesmente incompatível com quaisquer traços que denotem individualidade, incompatibilizando a literatura, por exemplo. Diante de tal explanação, Mustafá Monde argumenta que a cultura impede o consumo exacerbado: “À volta à cultura. Isso mesmo, à cultura. Não se pode consumir muita coisa se se fica sentado lendo livros.” (HUXLEY, 2014, p. 33).

³ Excerto original: “The higher the degree of standandization in popular literature and art, the greater the profit for the manufacturer. The economic policy of the mass-producers of spiritual goods is to secure the greatest number of buyers for the fewest possible products. Their tendency, therefore, is to disseminate ideas and art of the lowest quality.” (HUXLEY, *Complete Essays*, vol. 3, p. 190)

Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=N5NDMxfkum8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

⁴ Termo designado por Willian Gass, tematizando a natureza literária em si mesma, incluindo qual o papel a ser desempenhado pelo escritor, bem como suas técnicas.

Escrita em 1931 e lançada ao público, em Londres, Inglaterra, através do mercado editorial um ano após ser redigido, *Admirável Mundo Novo* foi publicado em uma época delimitada – abrasada pelo surgimento e fortalecimento de regimes totalitários de viés não democrático - onde ecoavam reverberações indubitavelmente explícitas em apoio a regimes antidemocráticos e totalitários: tal qual o nazismo, o fascismo e o comunismo estadista. Tais brados ressoavam nos movimentos artísticos contemporâneos à década de 1930, como as artes plásticas e a literatura. Huxley testemunhara o crescente desenvolvimento industrial e tecnológico, sem paralelos até então, o êxodo rural como consequência direta da mecanização das linhas de produção, e os conflitos sociais exacerbados, traduzidos no crescente apoio popular a movimentos totalitários que levariam o mundo a um conflito global avassalador.

Tais paralelos, embora não estejam explicitamente presentes no enredo da obra, inspiraram grande parte dos acontecimentos retratados em *Admirável Mundo Novo*, mundo hipotético no qual “A sociedade completamente organizada, o sistema científico das castas, a abolição da vontade livre através de um condicionamento comedido, a servidão que se tornara aceitável através de doses regulares de felicidade” (HUXLEY, 2015, p.6) provocaram a derrocada dos aspectos sociais hodiernamente empregados na sociedade. Embora tais extremos estejam retratados em uma obra de ficção, Huxley frisou que “estas coisas aproximavam-se tais eu as dizia, mas não chegariam no meu tempo, nem mesmo no tempo dos meus netos. Esqueci a data exata dos acontecimentos registrados no *Admirável Mundo Novo*; ocorreram, contudo.” (HUXLEY, 2015, p. 6).

3 DA IDEALIZAÇÃO UTOPICA A RÍSPIDA VIVÊNCIA DISTÓPICA

A constituição de mundo ideal, livre das adversidades e chagas que assolam os seres humanos desde os primórdios mais imemoriais não é uma construção tão recente quanto se pode supor. Na sociedade mesopotâmica, um escrito sumério relatava a épica jornada de Gilgamesh, então rei de Uruk, em sua extraordinária jornada em busca da imortalidade. O poema escrito por volta do ano 2000 a. C., narra em um pequeno excerto da epopeia, a existência de um paraíso terreno, repleto de benevolências: “O grasnar do corvo não era ouvido, a ave da morte não pronuncia seu grito, o leão não devora, o lobo não dilacera o cordeiro, a pomba não lamenta, não havia viúva, enfermidades, não havia velhice, lamentação”.⁵

Há mais de vinte séculos, Platão (2014) conjecturou a hipótese de uma república singular, jamais planejada, dirigida e governada por filósofos, os quais seriam os únicos capazes de governar de acordo com a razão. Estes seriam a encarnação da racionalidade, que governariam perante discípulos dóceis, sempre complacentes frente às adversidades impostas pelos novos métodos de administração da hipotética cidade-estado utópica. No primeiro livro da Bíblia – o Gênesis - sagrada para cristãos, há um jardim cuidadosamente concebido diante da benevolência de Deus para abrigar a todos os seus espécimes, em especial seres dotados de uma inteligência ímpar, encarregados de nomear todos os outros seres do jardim, conhecido por Éden. Em tal recinto, não havia dissabores ou necessidades.

Adão e Eva, urdidos por Deus como os primeiros seres humanos, foram incumbidos a jamais ingerir o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, caso contrário tal ato representaria a ruína do homem. Aliciados pela serpente, os dois ingenuamente contrariaram Deus, culminando no pecado original. Além disso, hodiernamente, as mais diversas correntes religiosas, em especial as de origem abraâmica, creem em um período “pós-vida”, onde os considerados justos frente aos dogmas religiosos impostos, sobretudo pelos livros sagrados de cada vertente teísta, gozariam de uma “pós-existência” livres dos tormentos terrenos que frequentemente assolam os seres humanos.

Em 1516, ao publicar sua obra máxima, o filósofo inglês Thomas More cunhou o termo que até hoje mantém a grafia que utilizou em sua obra homônima: utopia, palavra

⁵ Excerto original: 'The croak of the raven is not heard, the bird of death did not utter the cry of death, the lion did not devour, the wolf did not tear the lamb, the dove did not mourn, there was no widow, no sickness, no old age, no lamentation.'

derivada da língua grega, que significa “lugar nenhum”⁶ evidenciando em sua composição etimológica a impossibilidade de se assentar tal conceito no mundo real. Ainda assim, diversas foram as tentativas, advindas de um grupo heterogêneo de indivíduos, que com o passar das épocas, cada qual a sua maneira, tentaram construir sua “utopia” terrestre, resultando em falhas categóricas, ou produzindo genocídios de massas, incompatíveis com o tal “mundo idealizado”.

Porém, com o advento da ciência, eras de entusiasmo brotaram. Diversos empreendimentos foram postos em prática, melhorando sensivelmente a compreensão dos fenômenos naturais que encantaram nossos antepassados, que os atribuíam a intervenção de seres sobrenaturais. Ciclicamente, entretanto, tais períodos contrastavam com o entusiasmo inicial, revelando-se como perverso.

Para contrapor os objetos idealizados, sabidamente utópicos, nasce o gênero distópico, que busca caracterizar-se como antônimo da utopia. Ambos os termos compartilham a mesma raiz etimológica; singularidades, porém, inconciliáveis entre tais termos, incompatibilizam sua junção. Enquanto “utopia é a ideia de civilização ideal, fantástica, imaginária”⁷, o termo distopia comumente é associado com “um pensamento filosófico que caracteriza uma sociedade imaginária controlada pelo Estado, ou por outros meios extremos de opressão, criando condições de vida insuportáveis aos indivíduos”⁸, configurando-se, pois, como um antônimo ao termo cunhado por More há mais de cinco séculos.

John Stuart Mill, principal expoente da filosofia utilitarista, tido por ser um dos mais notórios pensadores do século XIX, possivelmente foi um dos primeiros a abordar de modo direto o termo “distopia”, ainda que equivalências de termos sinônimos possam ser verificadas antes do atribuído a Mill. Em 1868, ao ser defrontado por seus pares acerca de suas atitudes utópicas, contra-ataca-os com um discurso proferido na Assembleia da Irlanda, abordando as práticas do então governo e as políticas administrativas da Igreja Episcopal da Irlanda, criticando a noção até então estabelecida do termo “utópico”. Em consonância com Silva (2017), podemos constatar que

Mill considera a distopia como uma má utopia, uma antiutopia, ou uma utopia demasiada má para ser praticável. A distopia [...], também do grego, significa ‘mau’, assim designa o ‘mau lugar’ ou um ‘lugar de dor,

⁶ Penguin Dictionary: Sir Thomas More was the first to apply this word (from Greek, 'not' + topos, 'place') to a literary genre when he named his imaginary republic Utopia (r 5 r5), a pun on eutopia, 'place (where all is) well'.

⁷ Penguin Dictionary: The seeming impossibility of utopia (and the many failures to create it) has produced its converse: dystopia or anti-utopia; in some cases almost chiliastic forecasts of the doom awaiting mankind.

⁸ Definição extraída do Dicionário de Significados.

e, em contrapartida à utopia, acaba por se tornar um sinônimo de pesadelo. (SILVA, 2017, p. 14).

Ainda, como defende Silva (2017), os termos aqui já supracitados podem se subdividir em várias vertentes teóricas, cada qual à sua maneira, abordando as mais diversas facetas possibilitadas pela metaforização das iniquidades sociais, observadas em todas as esferas que compõem o corpo social, transportadas da realidade à ficção. Sendo assim, é factível afirmar que

a distopia tem diversas vertentes teóricas, seja utópica satírica, utópica negativa, antiutópica, metadistópica, cacotópica ou pela própria noção distópica. Elas complementam umas às outras, já que a ideia central é metaforizar as perversidades na realidade. (SILVA, 2017, p. 10).

No entanto, conforme defendido por Leyla Perrone-Moisés (SILVA *apud* PERRONE-MOISÉS, 2017, p. 11), a distopia é necessariamente um termo subjetivo, partindo das divergentes interpretações dos sujeitos acerca de suas vivências, seja propriamente de quem produz uma obra utópica e/ou distópica ou de quem as lê. Assim sendo, o “pesadelo totalitário” de determinado indivíduo não deve ser categorizado como um regime extremista universalmente reconhecido, estando tal classificação compelida à subjetividade dos sujeitos. Dado seu caráter imaginativo, a utopia notabilizou-se, conforme descrito por Barros (2011, p. 163 *apud* SILVA, 2017, p. 13), como um sinônimo comum associado a recintos, notadamente fictícios, onde todos ou a grande maioria dos dilemas fundamentais houvesse sido sanados pelos seres humanos.

Henry David Thoreau salienta que “o governo em si está sujeito ao abuso e à perversão antes que o povo possa agir por meio dele” (THOREAU, 2016, p. 8), reconhecendo a invariável instabilidade provocada por “algum homem inescrupuloso no poder” (THOREAU, 2016, p. 12). Em *Admirável Mundo Novo*, no entanto, não há um governante insensato, mas existe uma sociedade inteiramente produzida para satisfazer as eventuais necessidades que possam surgir em decorrência da demanda exigida. A hipotética sociedade retratada na distopia é tão somente concebida para que seus habitantes possam exercer postos de trabalhos essenciais à manutenção do *status quo*, sendo mantidos “sob controle” através de um ativo químico-psíquico, conhecido por soma. Sendo a ascensão ou o declínio social impraticáveis nesse mundo distópico, resta somente aos indivíduos, que compõem o meio social presente na narrativa de Huxley, resignarem-se perante seus encargos, previamente impostos antes de suas concepções, realizadas em um modelo industrial de grande escala, que simula a linha de produção fordista. A tal situação, Thoreau argumenta que “a grande maioria dos

homens serve ao estado desse modo, não como homens propriamente, mas como máquinas, com seus corpos” (THOREAU, 2016, p. 12).

Diante da ineficiência ou do desprezo às ações que resultem em um bem-estar coletivo por parte do governo, Thoreau propõe a não associação voluntária a tais medidas – uma prática efetuada por si durante em um dos períodos mais nebulosos e decisivos dos Estados Unidos da América, durante a guerra mexicano-americana e a guerra civil ou de Secessão. Suas atitudes o levaram ao cárcere, por recusar-se a pagar impostos, que, conforme apregoou (THOREAU, 2016), seriam indevidamente utilizados pelo governo, em uma guerra injusta contra o México, além de financiarem a escravidão no país. O tratado escrito por ele entre os muros do cárcere, *A Desobediência Civil*, nominou o conceito ao qual propôs, de desobediência em questões cívicas enquanto houver atos injustificáveis que ameacem ou desfavoreçam, em algum ponto sensível, a quem justamente deveria proteger. John Rawls justifica a legitimidade de tal ato, uma vez que “de acordo com a moralidade rawlsiana, as liberdades básicas não devem ser violadas, e os indivíduos não devem ser um meio para o fim” (PORTO, p. 237).

Thoreau, um defensor categórico do transcendentalismo (movimento filosófico e literário gestado e desenvolvido inicialmente na América do Norte, no século XIX, que apregoava uma estreita relação entre a exaltação pura e simples do indivíduo, bem como sua conduta harmônica para com a natureza e sociedade), dedicou-se praticamente de modo ininterrupto à escrita, deixando uma obra prolífica, cujos frutos culminaram em revoluções sociais, tal qual a resistência perpetrada por Mahatma Gandhi e seus partidários, em uma nítida relação virtuosa para com a natureza. Seus trinta e nove volumes, dos quais somente catorze foram publicados, que contabilizam cerca de dois milhões de palavras, não podem ser qualificados com um viés quantitativo, apesar de haver legado tamanho feito. Sua vida, bem como seus ensaios, foi moldada, conforme salientado por Kazin (2014), em:

um dos mais fanáticos, mais árduos, mais trágicos exemplos na história, de um homem que buscou viver sua vida escrevendo sobre ela, fazê-la, com as palavras, como se as palavras sozinhas pudessem não somente reportar sua vida, mas tornaram-se sua vida, por meio do mais feroz controle que a linguagem pode exercer. (KAZIN, 2014, p. 102).

Associada frequentemente a ação de violar e questionar políticas públicas impostas arbitrariamente pelas instituições e sujeitos que gozam do poderio econômico, social, ou quaisquer outros meios que provoquem vantajada distinção social, as quais não cumprem seu papel primordial de assegurar o equilíbrio gregário e a promoção de

justiça, a desobediência civil é um mecanismo válido para a divergência social, frente às imposições perpetradas a um grupo populacional minoritário, já que é desencadeada por uma ação coletiva (que porventura pode originar-se de uma ação individual ou não), tendo por objetivo primário a readequação ou eliminação de leis que sejam desfavoráveis e/ou estejam em desacordo com os preceitos então socialmente vigentes. Trata-se, pois, de um mecanismo legítimo de resistência, de pleno exercício da cidadania, já que visa apaziguar determinadas iniquidades sociais, voltadas ao prejuízo de um grupo minoritário. Assim sendo, de fato, há de se considerar a desobediência civil como “Um método que permite defender todo o direito que se encontra ameaçado ou violado, uma forma de pressão legítima, de protesto, de rebeldia contra as leis, atos ou decisões que ponham em risco os direitos civis, políticos ou sociais do indivíduo” (SÁ, 2006).

Em *Admirável Mundo Novo*, produto de um século contrastante entre a miséria desencadeada por conflitos bélicos e epidemias, e a pujança decorrida de progressos científicos e sociais sem precedentes, podemos interlaçar sua base ficcional, fruto do desenvolvimento crítico de Huxley, com aspectos decorridos em um passado pautado em acontecimentos reais, pertinentes a sociedade contemporânea como um modo de prevenção a reintrodução dos temores causados por forças nacionalista deturpadas em um futuro. Assim sendo, “os sombrios tempos, por assim serem, e assim sendo, se apresentam também como fragmentos do futuro, ficção que dá sentido ao factual tomado de base para o sonho” (SILVA, 2011, p. 96). Assim que, de tal modo, mesmo estando virtualmente apartados perante uma minuciosa análise lógica, o passado passa necessariamente por revisões, que avaliam o impacto de acontecimentos pertinentes ao presente. Em “tempos sombrios”, retratados em trabalhos ficcionais, que transmitem com viés diferente ao histórico, o passado se torna um padrão vicioso a ser evitado no momento atual, contribuindo para suprimir tais equívocos de serem reintroduzidos em um hipotético futuro.

Admirável Mundo Novo evoca os sentimentos mais intrínsecos de Huxley com relação à “padronização” dos sujeitos pela máquina capitalista, que corrompe a individualidade e a unicidade indissociáveis dos seres humanos. Embora sabidamente sejamos sujeitos sociais, cada indivíduo é único, com características que denotam particularidades não compartilhadas extensivamente por um grande número de indivíduos. À época em que escrevia o romance, Aldous Huxley ponderou que, dada a essência capitalista até então desenvolvida, teria por progresso resultante a sistematização coletiva, com os sujeitos perdendo traços significativos de suas identidades. De tal modo que:

Física e mentalmente, cada um de nós é único. Qualquer cultura que, guiada pelo interesse na eficiência ou em nome de algum dogma político ou religioso, almeja a padronização dos indivíduos, comete um ultraje contra a natureza biológica do homem. (HUXLEY, 2015, p. 36).

Na narrativa, as sociedades mundiais são alicerçadas justamente perante dogmas sociais que padronizam os indivíduos em praticamente todos os aspectos, seja físico ou psicológico, já que todas as pessoas, sem qualquer distinção, são geneticamente modificadas – antes mesmo de seu período de nascença – a agirem de acordo com tais normas gregárias. Além disso, há o adestramento psicológico contínuo, que visa tão somente estabelecer e reforçar tais conceitos, aliado ainda a um narcótico alucinógeno, produzido e distribuído à população pelo governo.

O poeta e ensaísta francês Aimé Césaire, um dos articuladores primordiais e principal expoente da negritude, salientou que quando uma sociedade não é capaz de se dispor perante os atos ao qual desencadeia, elucidando os problemas que provoca, tende a inevitavelmente entrar em ruínas, já que não mais trabalha em prol da solvência dos seus problemas sociais mais cruciais, os quais a fazem estar em prematura decadência. Conforme disposto em suas palavras:

Uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento sucinta, é uma civilização decadente. Uma civilização que prefere fechar os olhos aos seus problemas mais cruciais, é uma civilização enferma. Uma civilização que trapaceia com os seus princípios, é uma civilização moribunda. (CÉSARE. 1978, p. 13)

4 ABNEGAÇÃO DA AUTORIDADE CIVIL: OS PERCALÇOS DA DESOBEDIÊNCIA CIVIL EM *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO*

Admirável Mundo Novo, uma sagaz crítica contra o capitalismo desenfreado – que visa tão somente à obtenção e concentração de lucros em detrimento ao indivíduo – carrega em seu cerne problemáticas que radicalmente alteraram o convívio social. Assim sendo, conforme assimilado por Keisman (2016), no romance escrito por Huxley, o consumo e consumismo descomedidos são enaltecidos como necessidades primárias básicas, estimulando os habitantes desse mundo ficcional à promiscuidade crescente. Toda a malha social tão somente é composta visando à felicidade constante, com qualquer sentimento negativo sendo suprimido com uma droga alucinógena, elaborada e distribuída à população pelo governo central, o soma.

As castas sociais são fundamentadas na necessidade pela labutação na sociedade futurista pós Ford. Assim sendo, a concepção de indivíduos biológica e psicologicamente, aptos ou não, é meramente planejada de acordo com a necessidade imposta pelos mais variados campos de trabalho. Os indivíduos intelectualmente mais desenvolvidos dispõem de todos os recursos e nutrientes para o seu pleno crescimento, ocupando postos de destaque e liderança na sociedade. Enquanto que indivíduos pertencentes às castas mais baixas hierarquicamente, dispõem de recursos limitados, dividindo um único óvulo com dezenas de gêmeos idênticos, apenas planejados e condicionados para a realização de atividades não complexas e/ou de exclusivo cunho braçal. As castas sociais são identificáveis por meio de letras pertencentes ao alfabeto grego, junto a cores associativas presentes em vestimentas, que identificam à classe a qual o sujeito pertence: Alfa (cinza), Beta (amora), Gama (verde), Delta (cáqui) e Ípsilon (preto). A separação social pelo sistema de castas é bastante efetiva, sendo que os membros de uma determinada casta social não almejam ascender ou descender socialmente, graças às ininterruptas sessões de condicionamento, tanto de cunho biológico, como também psicológico.

Os princípios que alicerçam o convívio social foram extensamente ponderados, até serem postos em prática para o condicionamento dos indivíduos. Após copiosos intentos, eventuais falhas no programa foram sendo corrigidas, e os sujeitos sociais foram forçosamente extraídos de suas individualidades, que ocorria incondicionalmente antes da concepção, até mesmo após a morte, por meio do condicionamento social massivo.

Publicado em 1932, o romance de maior êxito do escritor Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*, narra à trajetória de uma hipotética sociedade futura, na qual há condicionamento psíquico e biológico nos habitantes de tal localidade, compelindo-os inevitavelmente a viverem em harmonia com um sistema de castas e de acordo com as normas sociais então vigentes. O intuito norteador de tais ações é manter a ordem e estabilidade social, mesmo que para tanto seja necessários destituir a individualidade e o senso de responsabilidade, justiça social e consciência crítica acerca dos desdobramentos da realidade dos sujeitos que habitam a sociedade fordista do século VII.

Estabelecendo contrastes entre o primitivo e o avanço tecnológico, o enredo é centrado na composição dos habitantes necessários as atividades laborais da sociedade. Com os inimagináveis avanços tecnológicos, todos são gerados e gestados em centros especializados, no qual o “Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central” é um dos estabelecimentos responsáveis por tal tarefa no país retratado no enredo da trama. A manipulação biológica e genética garante o preenchimento das castas sociais de acordo com a escassez de determinados postos de trabalho no futuro, sendo necessária então a intervenção do centro, para a manutenção da estabilidade social.

Diante dos inúmeros seres humanos retratados na obra, o enredo da trama favorece os acontecimentos ligados à trajetória de Bernard Marx. Apesar de ele haver sido condicionado de modo a pertencer a mais alta elite de seres, um defeito em sua gestação o fez ser gerado com características pertencentes às castas mais baixas. Diante de tal circunstância, ele acaba não sendo atraído pelos anseios da comunidade, sendo excluído das atividades sociais e se rebelando contra as atitudes adotadas pelo sistema governamental retratado em *Admirável Mundo Novo*.

Buscando se afastar do seu cotidiano, Bernard Marx decide visitar uma reserva indígena, habitada por seres humanos que não seguem os padrões então adotados pelas sociedades mundiais, possuindo costumes que estão em desacordo com perpetrado pelos Administradores Mundiais. Em sua jornada, conhece Linda – uma mulher que foi concebida no centro de incubação, mas acabou por se perder do seu grupo quando também viajava até a reserva onde se encontra – tendo um filho chamado John, o Selvagem, pelo qual Bernard se afeiçoa. No entanto, ele não tencionava levá-los “à luz” da civilização por simples apatia, mas sim por tencionar obter o prestígio da comunidade científica que sua “descoberta” acarretaria.

Na trama retratada em *Admirável Mundo Novo*, verdadeiros dogmas inquestionáveis são dispostos por meio de sessões hipnopédicas (processo de condicionamento usado preponderantemente em vias psíquicas, por meio de repetições incessantes de princípios indiscutíveis favoráveis aos preceitos defendidos pelos estadistas, geralmente durante fases críticas do desenvolvimento físico e psicológico dos habitantes retratados em *Admirável Mundo Novo*) elaboradas em consonância com os desígnios governamentais, aplicados já na primeira infância. Frases curtas e simples foram exaustivamente repetidas, durante o sono dos bebês, até serem assimiladas em sua totalidade, os compelindo às características comportamentais desejadas de modo permanente. Como ponderado por Nascimento (2005),

O condicionamento acontece na primeira infância, levando os bebês a rejeitarem certas coisas (como livros e flores) e a gostarem de outras (como esportes campestres). Este condicionamento é feito com a utilização de técnicas comportamentais behavioristas, sugestionando momentos extremamente desagradáveis (como choques e ruídos ensurdecedores) quando se deseja condicionar uma pessoa a rejeitar certa coisa, quando a intenção é fazer com que essa pessoa goste dessa coisa os estímulos dados são de tranquilidade e paz. Os condicionamentos criam ambientes artificiais e provocam reações que variam de acordo com o objetivo dos cientistas, objetivos esses impostos pelos governantes na sua tentativa de criarem uma casta inferior obediente, que não cause problemas comportamentais. (NASCIMENTO, 2005, p. 12)

No romance, momentos de solidão são inexistentes na esfera social, sendo que eventuais períodos de ócio são preenchidos com atividades coletivas, onde cada indivíduo é incumbido de fiscalizar e inibir eventuais atividades que possam se contrapor às normas sociais então vigentes. Tal qual o pan-óptico de Bentham, a sociedade futurista pós Ford é atemorizada pela constante vigilância (ou ao menos, a aparente percepção de ininterrupta vigília), autorregulando o comportamento grupal de seus sujeitos aos meios almejados ante o condicionamento gregário então imposto. Quando as condutas individuais não correspondem às particularidades pretendidas, o próprio corpo social tratará de evidenciar tais “falhas comportamentais”, expondo dogmas hipnopédicos ante as atitudes desviadas. Tal característica, inclusive, é denotada como sendo uma imperfeição inerente ao mau condicionamento do sujeito, à semelhança do que ocorre com Bernard Marx.

Marx, enquanto indivíduo pertencente à mais conceituada casta de indivíduos (Alfa Mais), padece perante os “insultuosos” comentários tecidos ao seu respeito. Seu porte físico lembra o típico Gama, um indivíduo encarregado tão somente de atividades

braçais. Devido ao condicionamento, os membros das castas mais elevadas possuem um porte físico mais acentuado, sendo imediatamente enaltecido pelos membros das castas inferiores, o que não correspondia ao caso de Bernard. Marx, embora se adequasse aos Alfa Mais nos seus aspectos cognitivos, não correspondia ao aspecto físico. Além do mais, ele padecia com comentários que punham à prova a devida qualidade de seu condicionamento, que poderia ter levado álcool em excesso – substância utilizada para privar membros de castas inferiores de oxigênio, essencial para o pleno desenvolvimento físico e cognitivo dos fetos - exercendo a autoridade natural de sua casta de modo esguio:

Bernard dava suas ordens no tom brusco, um pouco arrogante e até ofensivo de quem não está muito certo de sua superioridade. Ter de tratar com representantes das castas inferiores constituía sempre, para Bernard, uma experiência penosa. Porque, fosse qual fosse a causa (e era bem possível que os rumores a respeito do álcool em seu pseudosangue tivessem fundamento – pois, apesar de tudo, acidentes como esse aconteciam), o físico de Bernard não era muito melhor que um de um Gama típico. (HUXLEY, 2014, p. 88).

A individualidade, considerada herética pelo Governo Mundial, é exercida em maior ou menor frequência pelos três protagonistas da narrativa, Bernard Marx, John; o selvagem, e Helmholtz Watson. Além disso, ambos compartilham uma severa reprovação ao soma, um psicoativo fabricado e distribuído pelo Governo Mundial, utilizado para apaziguar as mentes mais exaltadas. Considerando tais aspectos, Pollerd exalta que

A individualidade de Bernard o levou a adotar várias práticas heréticas, tais quais gastar tempo sozinho, se recusar a consumir soma (a droga institucionalmente patrocinada), e evitando palestras convencionais que perseguiram as atividades de lazer. Como um especialista em métodos hipnopédicos, Bernard percebe a extensão pela qual as pessoas são “escravizadas pelo seu condicionamento” (78). (POLLERD, p. 91)

Assim sendo, a simples negação de uma identidade coletiva se constitui como um ato de desobediência civil, uma vez que rejeitando seu condicionamento biológico, social e psicológico os personagens centrais da narrativa contrariam todo um sistema propriamente planejado e desenvolvido de modo a eliminar traços individualistas em seus habitantes, transmutados em uma simples massa inerte, incapaz de sequer ponderar acerca das “benfeitorias” feitas em prol de todos pelo Estado Mundial.

Conforme salientado pelo Administrador Mundial, Mustafá Monde, tais mudanças se deram por questão da estabilização social, uma vez que elementos que porventura possam causar a mínima desestabilização social devem ser reprimidos e erradicados:

O mundo agora é estável. As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; não têm esposas, nem filhos, nem amantes, por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se por acaso alguma coisa andar mal, há o soma. (HUXLEY, 2014, p. 126).

Bernard Marx, dessemelhante a todos os outros de sua casta, inibe seus comportamentos condicionados, o que o faz ser visto como um produto defeituoso, o resultado de um mero relance de desatenção enquanto era decantado. Suas condutas causam estranheza a Lenina Crowne, típica representante da casta Beta. Enquanto confidenciou certos pormenores de sua relação com Bernard com uma amiga, Fanny Crowne, Lenina ouve a afirmação irredutível dela: - “Dizem que alguém se enganou quando ele ainda estava no bocal. Pensaram que fosse um Gama e puseram álcool no seu pseudo-sangue. É por isso que ele é tão franzino”. (HUXLEY, 2014, p. 32). Marx certamente causa estranheza em outros sujeitos, residentes na Europa Ocidental, por seu feitio indulgente, quase instituído com uma aura religiosa, reconhecendo que enquanto a carne se satisfaz, o espírito tende a fraquejar. Posteriormente, ainda destaca a Lenina que: - “Quero saber o que é a paixão - ela o ouviu dizer - Quero sentir alguma coisa com intensidade”. (HUXLEY, 2014, p. 57). Ela o recusou, temendo por estarem cometendo “heresia” aos dogmas pregados pelo Estado, retrucando-lhe somente um ensinamento hipnópédico.

Enquanto estavam detidos no gabinete do Administrador Mundial, os três jovens protagonistas da narrativa: Bernard, John e Watson detinham-se perante algumas frases proferidas por Mustafá Monde em tom de reprimenda, visando admoestá-los por seus comportamentos pouco ortodoxos para com a sociedade. Fazendo pouco caso das considerações do Administrador, John fita alguns livros aleatoriamente dispostos em uma estante, encerrando sua busca em uma obra do escritor inglês William Shakespeare. Observando tal atitude, Mustafá Monde referindo-se a *Otelo*, célebre obra de Shakespeare, o Administrador, com semblante austero, dirige-se ao Selvagem:

Quase ninguém. Sou uma das raríssimas exceções. O senhor compreende, ele está proibido. Mas, como sou eu que faço as leis aqui, também posso transgredi-las. Impunemente, sr. Marx – acrescentou,

dirigindo-se a Bernard –, o que, lamento dizê-lo, o senhor não pode fazer. (HUXLEY, 2014, p. 262).

Ainda que haja a impossibilidade de tal obra não ser conhecida pelos habitantes desse mundo fictício, resultando em um estranhamento inicial, por parte do leitor, dada a relevância histórica das obras do Bardo de Avon, a densidade e complexidade das tramas shakespearianas poderia levar ao colapso da sociedade administrada por vossa Fordeza, Mustafá Monde. Há de considerar-se o fato de que as emoções retratadas em Shakespeare há tempos foram abolidas em *Admirável Mundo Novo*, deixando potenciais leitores confusos acerca do enredo das peças teatrais. A tal perspectiva, Eagleton salienta que:

Assim, é possível que, ocorrendo uma transformação bastante profunda em nossa história, possamos no futuro produzir uma sociedade incapaz de atribuir qualquer valor a Shakespeare. Suas obras passariam a parecer absolutamente estranhas, impregnadas de modos de pensar e sentir que essa sociedade considerasse limitados ou irrelevantes. (EAGLETON, 2006, p. 17).

Embora se trate de um evento pouco significativo no enredo da trama, a frase supracitada – proferida pelo Administrador – revela, como que por um simples relance, a opinião do próprio Administrador Mundial acerca das leis as quais lhe cabe legislar. Transgredindo as leis que lhe parecem injustas e infundadas, encarnando em seu ser, ainda que de modo comedido – dada a posição social que tem a desempenhar – os conceitos defendidos por Thoreau. Quanto a John; o selvagem, a personificação de uma sociedade quase que inexistente, é notório o seu descontentamento com muitos dos aspectos da civilização europeia ocidental, já que muitos dos costumes de seu povo são tidos como “desagradáveis” pelos habitantes desse mundo antiutópico. Daí, em grande parte, sua insatisfação com o que lhe havia prometido Bernard anteriormente, ainda na reserva natural da qual “o Selvagem” era originário.

Diante de um exílio imposto pelo governo central, por incumbência de suas ações frente aos preceitos sociais, e por atentarem contra a estabilidade social, Bernard Marx e Helmholtz Watson encaminham-se a uma ilha, para livremente poderem se portar, livres das amarras para com a sociedade fordista. John, ainda que tenha tentado se juntar a ambos, não obteve permissão de deixar a sociedade, sob pretexto de se continuarem as “experiências” com o Selvagem, resgatado de uma reserva indígena. Inconformado, se auto isola - afastado de toda a civilização - sendo posteriormente

descoberto e perseguido pelos habitantes locais, como uma atração exótica exibida por um circo, para o exclusivo deleite dos seus espectadores.

Tendo em consideração tal perspectiva, Eagleton defende que a cada geração passada, a cada sociedade, as obras literárias vão adquirindo novas conotações, advindas de diferentes ocasiões e lugares. Assim sendo, esclarece: “O ‘nosso’ Homero não é igual ao Homero da Idade Média, nem o ‘nosso’ Shakespeare é igual ao dos contemporâneos desse autor” (EAGLETON, 2006, p. 18), uma vez que “todas as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’.” (EAGLETON, 2006, p. 19). Tendo, pois, por perspectiva o mundo fictício de Huxley, hipoteticamente passado gerações a frente de nossa contemporaneidade, autores consagrados – do calibre de Shakespeare – foram irremediavelmente se “modificando” com o passar das eras, até tornarem-se irreconhecíveis, indistintos e proibidos no século VII, nomeado após Ford.

No romance de Huxley, ao revés do ocorrido em outras obras do mesmo gênero distópico, como nos já referidos *1984*, de George Orwell, e em *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, onde o *status quo* vigente é mantido por meio da força e repressão, em *Admirável Mundo Novo*, a manutenção da corrente forma de se viver é obtida através de meios mais sutis: mantendo a felicidade constante, bem como repreender qualquer comportamento que possa levar ao indivíduo ao isolamento. Na narrativa, o passado e tudo o que lhe é relativo é achincalhado, já que os antepassados bem como suas práticas sociais são antiquadas e inadequadas.

Jeffrey Cohen, em sua teoria nomeada “Os monstros residem nos portões da diferença”, salienta que tais figuras simbólicas representam certos “receios”, encarnados em outro grupo de pessoas, oriundas ou não da mesma cultura que cria tais “monstros”, de modo a justificar a recriminação e conseqüente antipatia gerada por tal posição (KEISMAN, p. 22). A “ditadura da felicidade” constante mantém o *status quo*, ou seja, a manutenção dos padrões que correntemente são adotados como norma na sociedade, se estabelece perante o uso de mecanismos pouco ortodoxos, eticamente questionáveis, visando unicamente à disseminação, propagação e perpetuação do poder conforme se encontra em suas configurações atuais, de acordo com o que é disposto na narrativa.

Admirável Mundo Novo, pois, se configura, diferentemente com o que ocorre em *1984*, como um catalisador que suprime emoções fortes, nominalmente descritas como relações monogâmicas, constituição de uma família, velhice e doenças, bem como

qualquer forma de expressão – tais quais livros e obras de arte – e qualquer sentimento religioso, pois tais matérias facilmente podem desestabilizar toda a construção social desenvolvida pelo Estado Mundial. O uso da força é completamente descartável, pois o temor pode momentaneamente suprimir hábitos “indesejáveis”, mas ao longo do tempo pode desencadear uma revolta social, o que faria ruir por completo todos os esforços empregados na estabilização social. Assim sendo, é preferível que se mantenha a servidão voluntariamente, não se empregando a força para a dissuasão dos indivíduos. A tal perspectiva, ponderando acerca das colocações do filósofo francês La Boétie, Félix (2007) denota que “é o povo que se sujeita e se degola; que, podendo escolher entre ser súdito ou ser livre, rejeita a liberdade e aceita o jugo, consente tal mal e até o persegue” (FÉLIX, 2007, p. 1). A servidão, como destacado por La Boétie, precisa ser voluntária e consentida. A felicidade constante, pois, é o mecanismo ideal para suprimir indefinidamente a sensação de privação, de tal modo que o Administrador Mundial, enquanto justificava seus métodos de governo, ponderou: - “Governar é deliberar, e não atacar. Governa-se com o cérebro e com as nádegas, nunca com os punhos”. (HUXLEY, 2014, p. 33).

Constata-se, pois, que em *Admirável Mundo Novo*, o passado é similar a uma anedota, habitado por seres com costumes “monstruosos”, uma afronta aos hábitos desenvolvidos pela civilização atual. Assim sendo, o estado associa aspectos negativos referente à cultura passada, enfatizando os habitantes de tal época como “selvagens”, com conduta inadequada frente às perspectivas desenvolvidas hodiernamente. Cohen, diante de tal perspectiva, assinala que “a representação de uma cultura anterior como monstruosa justifica seu desmembramento ou extermínio como a representação de um ato heroico” (COHEN, p. 7-8).

Tais características mostram-se evidentes em um episódio emblemático retratado no romance, em que o Diretor de Incubação e Condicionamento, dirigindo-se a um grupo de estudantes de medicina, acerca dos procedimentos realizados no seu Centro de Incubação ao se referir à composição de um lar em épocas predecessoras, tece o seguinte comentário:

E o lar era sórdido psíquica e fisicamente. Do ponto de vista psíquico, era uma toca de coelhos, um monturo, aquecido pelos atritos da vida que nele se comprimia. Que intimidades sufocantes, que relacionamento perigoso, insensato, obsceno, entre os membros do grupo familiar! Insanamente, a mãe cuidava de seus filhos (seus filhos)... Cuidava deles como uma gata cuida de seus filhotes... (HUXLEY, 2014, p. 59).

A todo custo, o Governo Mundial intenta desqualificar e taxar os costumes ancestrais como sendo inadequados, frívolos, os destituídos de qualquer civilidade, com o intuito de continuamente reforçarem os hábitos sociais contemporâneos, patrocinados institucionalmente. Keisman (2016) argumenta que o passado se tornou animalesco, dotado de costumes, posturas e habitantes anti-higiênicos, incapazes de compreender o sentido de uma civilização. Ao passo que, apenas a contemporaneidade e o futuro são relevantes, constituídos sob a tutela de seres que almejam destruir tudo o que foi erguido em tempos anteriores, prescindindo os seus antepassados de quaisquer civilidades. De tal modo que, sutilmente:

Aludindo à geração anterior como sendo de selvagens monstruosos, através da língua, com o uso de palavras como “insanamente” e “malvado”, o Estado Mundial justifica a derrocada do grupo e exalta apoio ao regime atual, que foi necessário por conta da falha desses “selvagens”. Assim, representando ancestrais como monstros, o Estado Mundial parece estar fazendo o que é certo. (KEISMAN, 2016, p. 23. Tradução nossa).⁹

Embora se trate de um trabalho de ficção, a obra de Huxley é dotada de diversas características inspiradas ou propriamente extraídas da realidade. O próprio autor conjecturou a hipótese, décadas após escrever *Admirável Mundo Novo*, que a somatória de aspectos adversos poderia, ao longo do tempo, ser propícia ao desaparecimento das liberdades individuais. Questões controversas, como a crescente expansão de superpopulações e o estímulo à felicidade constante poderiam provocar uma ruptura com a democracia, alcançando extremos. Há, também, a possibilidade de interferência deliberada em dado idioma, como sugere George Orwell (1946), suprimindo termos e palavras que ao menos dessem a vaga ligação com ideias revolucionárias e contrárias a um hipotético regime autocrático, mantendo sua hegemonia intacta, mesmo promovendo deliberadamente ações antidemocráticas. No ensaio *Politics and the English language*, Orwell (1946) defende que qualquer regime que se infiltre em tal nível, pode invariavelmente manter o poder de modo indefinido, sem contar com qualquer resistência a sua instalação ou propagação para outras localidades.

⁹ Excerto original: “By alluding to previous generations as monstrous savages, through language like “maniacally” and “wicked,” the World State justifies this group’s defeat and lends support to the current system, which was necessitated by the failure of these “savages.” Thus, by representing their ancestors as monsters, the World State manages to seem like it is doing things right”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jeremy Bentham, filósofo iluminista e jurista londrino, propenso a elaborar um sistema de vigília altamente eficaz, disposto com o mínimo de recursos possíveis, idealizou um sistema penitenciário que, tão somente, exigia um único sentinela para observar todo um agrupamento de prisioneiros. O pan-óptico, projetado por Bentham em 1785, consistia em uma torre, fixada estrategicamente no centro de determinado edifício, de modo a fitar todos os detentos concomitantemente, sem que os prisioneiros soubessem se estavam ou não sendo devidamente observados. Tal insegurança, como posto pelo jurista, permitia uma melhora significativa no comportamento dos cativos. Em *Vigiar e Punir*, o filósofo francês Michel Foucault destaca o pan-óptico de Bentham como uma analogia ao poder (repressivo) das sociedades contemporâneas.

Tais paralelos certamente podem ser traçados ao romance de Aldous Huxley, uma vez que é impensável, aos moldes dispostos em *Admirável Mundo Novo*, que os indivíduos da sociedade fordista do século VII sequer apreciem sentimentos como a solidão, já que foram concebidos de tal modo e doutrinados ao longo de suas vidas a suprimirem tais características comportamentais, conforme enaltecido pelo Administrador, enquanto se reportava ao Selvagem: - “Mas agora nunca se está só – disse Mustafá Mond. – Fazemos com que todos detestem a solidão, e organizamos a vida de tal forma que seja quase impossível conhecê-la.” (HUXLEY, 2016, p. 280). Assim sendo, os próprios habitantes desse mundo fictício analogamente encarnam o papel de vigilante da torre, já que são dissuadidos a sequer cogitarem a possibilidade de estarem sozinhos. Com constante vigília, os hábitos comportamentais dos sujeitos, conforme apregoado por Foucault, tende a se autorregular à “normalidade”.

Assim sendo, mesmo diante da impossibilidade de verificar as atividades pessoais de todos os habitantes de tal região administrativa, o governo central incumbiu os próprios indivíduos a agirem como agentes repressivos, garantindo que todos se submetam ao mínimo possível de solidão, sentimento indesejado nas circunstâncias denotadas no século VII depois de Ford, por caracterizar ações tidas como indesejadas pela autoridade administrativa. De tal modo, em conformidade com Keisman (2016), é verificável que:

A abolição, por parte dos Governos Mundiais, de sentimentos ligados à solidão e a sua contemplação, podem ser vistos como exemplos do pan-óptico. Se as pessoas sempre serão forçadas a estarem em companhia constante de outras, nunca irão cometer atos heréticos. Tal campanha

contra a solidão é realmente um método no qual o Governo Central assegura a incessante visibilidade de seus cidadãos. O governo sabe que seus habitantes irão monitorar e regular as atividades de cada um. (KEISMAN, 2016, p. 21. Tradução nossa).¹⁰

Como disposto pelo engenho de Bentham, uma sociedade pode ser inteiramente designada de modo a extrair, analisar e perpetrar os anseios e inquietações de seus habitantes, metamorfoseando-os em vassallos plenamente dóceis, incapazes de extinguirem a manutenção de determinados regimes totalitários. Em *Admirável Mundo Novo*, uma fantasia satírica a padronização da individualidade, e a crescente e ininterrupta mecanização cada vez mais complexa e sofisticada do modo de se viver, há um controle absoluto sobre as vidas dos sujeitos, uma vez que a dominação subconsciente é aliada ao controle genético e químico dos indivíduos, por intermédio do alucinógeno soma. Inexoravelmente, os desígnios e a finalidade dos sujeitos estão, de modo irredutível, atadas unicamente as necessidades laborais da sociedade, ou seja, se pesquisas de cunho científico (que estão delegadas a pouquíssimos cientistas, dadas as restrições no acesso ao conhecimento) são demandadas em um hipotético futuro, membros da casta Alfa Mais, com acesso a todos os recursos indispensáveis ao pleno desenvolvimento físico e psicológico, serão produzidos e condicionados a tal tarefa. No entanto, se há a necessidade de extrair e processar matérias primas para a produção industrial, operários Ipsilon serão desde logo produzidos pelo processo bokanovski (mecanismo voltado à engenharia genética, no qual um único óvulo é encarregado de produzir dezenas de indivíduos, compartilhando os recursos necessários ao seu desenvolvimento entre si, ao invés de um único) de modo a sanar tal subsequente insuficiência.

O intuito norteador do presente trabalho, entre outros aspectos, foi de perscrutar como a estruturação identitária de alguns dos protagonistas da obra ora analisada, dispõem de peculiaridades inerentes as ideias apregoadas pelo filósofo transcendentalista norte-americano Henry David Thoreau. Escritores provindos de culturas avessas, e de momentos históricos ímpares, Huxley – implicitamente - e Thoreau – de modo explícito – protagonizaram desobediências às normas sociais ditadas – ao que chama o filósofo do século XIX de injustiças perpetradas ao homem

¹⁰ Excerto original: The World State's abolishment of both the state of solitude and its enjoyment can be seen as an example of Panopticism. If people are forced to always be in the company of others, they will never commit heretical acts. This campaign against solitude is really a method in which the World State ensures permanent visibility of its citizens. The government knows that its citizens will monitor and regulate each other.

Disponível em:

<https://digitalcommons.denison.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1086&context=prologue>

que age de encontro as suas convicções no que concerne ao censo de honra e justiça – em benefício à minoria governante, detentora do poder estatal. A quebra de paradigmas e da hegemonia e estabilidade social são exploradas em *Admirável Mundo Novo* preponderantemente por Bernard, John e Helmholtz – que a exemplo dos dois primeiros se caracterizam como *outsiders*, sujeitos que não estão em sintonia com a aristocracia que os envolvem, dadas as idiosincrasias pertinentes à construção social hodiernamente adotadas na narrativa, sobretudo por não compartilharem dos mesmos anseios ratificados pela massa popular da nação, como visto nos atos de Helmholtz.

Como um empreendimento coletivo e ocasionalmente falho, a ciência é primordialmente uma ferramenta universal, na qual progressos científicos adquiridos nos mais profusos campos têm potencial para influenciar radicalmente o modo de vida de toda uma sociedade. Em *Admirável Mundo Novo*, a busca pela estabilidade social alcançou extremos nunca antes praticados. No entanto, o progresso e o conhecimento científicos são limitados, até mesmo admoestados perante os anseios dispostos pelo corpo soberano do Governo Mundial. Paulatinamente, mudanças sociais ocasionaram abruptas modificações no cotidiano, que pouco a pouco culminaram no pesadelo totalitarista apresentado na narrativa. No prefácio da obra, Huxley pondera que:

O tema do Admirável Mundo Novo não é o progresso da ciência como tal; é o progresso da ciência na medida em que atinge os indivíduos humanos. Os triunfos da física, da química e da engenharia são tacitamente admitidos. Os únicos progressos a serem especificamente descritos são os que envolvem a aplicação aos seres humanos dos resultados da pesquisa futura da biologia, fisiologia e psicologia. É só por meio das ciências da vida que a qualidade de vida pode ser mudada radicalmente. As ciências da matéria podem ser aplicadas de modo a destruir a vida ou a torná-la um processo complexo e desconfortável até o impossível; porém, a menos que usadas como instrumentos pelos biólogos e psicólogos, nada podem fazer para modificar as formas e expressões naturais da própria vida. (HUXLEY, 2014, p. 15).

À semelhança de outras incomensuráveis distopias, *Admirável Mundo Novo* preza por desvelar uma sociedade de cunho repressivo, pautada unicamente em manter o *status quo* em detrimento das liberdades individuais e coletivas mais básicas. No entanto, inova radicalmente, pois estabelece uma inequívoca satisfação individual em permanecer subordinado à sua conduta de vassalo, uma vez que inexiste um grupo organizado em contrário aos dogmas estatais, ou seja, em consequência

esse admirável mundo novo escravizava seus cidadãos a partir do uso de diversos mecanismos de controle refinados dentre os quais o soma é apenas um dentre tantos outros, faz com que o protagonista se rebele contra aquilo que fora narrado para ele como um paraíso idílico. A conexão imediata estabelecida pelo Selvagem é simples, mas bastante

poderosa: o soma é um veneno para a alma (soul) que torna os homens não apenas escravos de seus senhores mas também e, principalmente, presos a uma infância eterna. O que muda drasticamente desse momento em diante é a percepção do herói frente a esse mundo no qual ele acabara de ingressar. Não se trata tanto de derrubar esse regime, mas sim de alertar aos outros como eles estão abrindo mão de suas próprias individualidades em função de uma falsa sensação de felicidade. (FRANCISCO, 2014, p. 40-41).

As obras de Huxley, bem como as de Thoreau, compartilham uma atualidade notável com a sociedade contemporânea, apesar de serem obras datadas, que estavam em sintonia com os desdobramentos de suas respectivas épocas – *A Desobediência Civil* foi escrita há mais de um século e meio, enquanto *Admirável Mundo Novo* tem cerca de noventa anos. Ulteriormente, o trabalho desenvolvido tencionou explorar uma das muitas facetas apresentadas pelo escritor inglês, em consonâncias com as doutrinas apregoadas pelo transcendentalista norte-americano, com ambos ponderando, ao longo de suas obras e carreiras literárias, acerca da premência da manutenção das peculiaridades concernentes às personalidades individuais, enaltecendo-as como predicados essenciais à sociedade, bem como ao respeito pela natureza – em detrimento ao brutal pesadelo totalitário, comandado por ideologias desmedidas e irrestritas, como denominado por George Orwell.

REFERÊNCIAS

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução** / Terry Eagleton, tradução Waltensir Outra; [revisão da tradução João Azenha Jr.] - 6ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANCISCO, Rafael da Cunha Duarte. Entre a crítica, o público e o autor: construção de sentido e crítica social em *Brave New World* de Aldous Huxley. **Resgate**, Campinas, v. XXII, ed. 28, p. 37-46, 2014.

FRAZÃO, Dilva. Aldous Huxley: Escritor inglês. *In: Biografia de Aldous Huxley*. [S. l.], 18 set. 2017. Disponível em: https://www.ebiografia.com/aldous_huxley/. Acesso em: 20 nov. 2020.

FRAZÃO, Dilva. Aldous Huxley: Escritor inglês. *In: Biografia de Aldous Huxley*. [S. l.], 18 set. 2017. Disponível em: https://www.ebiografia.com/aldous_huxley/. Acesso em: 20 nov. 2020.

GARCIA, Richard. **Leviatã: o Estado Forte, Cruel e Violento**. [S. l.], 29 out. 2015.

Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/enem/2015/10/29/noticia-especial-enem,702624/leviata-o-estado-forte-cruel-e-violento.shtml>. Acesso em: 8 jul. 2020.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 22. ed. São Paulo: Globo, 2014. 314 p.

HUXLEY, Aldous. **Retorno ao Admirável Mundo Novo**. 1. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 198 p.

KEISMAN, Molly. Power and control in *Brave New World* and 1984. **Prologue: A First-Year Writing Journal**, Granville, Ohio, v. 8, ed. 1, p. 19-32, 2016. Disponível em:

<https://digitalcommons.denison.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1086&context=prologue>. Acesso em: 31 mar. 2020.

NASCIMENTO, Thiago Reis. **O ADMIRÁVEL MUNDO NOVO DE ALDOUS HUXLEY E SUA RELAÇÃO COM AS SOCIEDADES DEMOCRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS**. Orientador: Prof. Dr. Alcides Freire Ramos. 2005. 72 p. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Curso de

Graduação em História, Uberlândia, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18555>. Acesso em: 4 jul. 2020.

PORTO, Tiago. **Devemos obedecer à leis injustas? O direito à desobediência civil em John Rawls**. 2015. 314-331 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – PUCRS, PUC – Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/download/968/435>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

PLATÃO. **A República**. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. 368 p.

SIGNIFICADO, Dicionário dos. **DISTOPIA**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/distopia/>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

SIGNIFICADO, Dicionário dos. **UTOPIA**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/utopia/>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

SILVA, Alexandre Araújo da. **Utopia de uns, Distopia de outros: A compaixão enquanto potência em Jogos Vorazes**. 2017. 56 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura plena em História) - Departamento de História, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2017.

SILVA, Diogo Cesar Nunes da. Sonhos e pesadelos em tempos sombrios: Pessimismo e imaginação distópicas. *In*: SILVA, Diogo Cesar Nunes da. **História do futuro e pensar-contra: utopia, esperança e pessimismo distópico**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. p. 141

STATE versus the Individual: Civil Disobedience in Brave New World. *In*: BLOOM, Harold. **Civil Disobedience**. 1. ed. Nova Iorque: IBT Global, 2010. p. 89-99.

THOREAU, Henry David. **A Desobediência Civil**. Porto Alegre: L&PM, 2016. 96 p.